



ESHOJE

25

ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 14 de julho de 2025)) Ano XXV)) Nº 1141
Edição Gratuita Diário)) www.eshoje.com.br

 /eshoje  @eshoje  eshoje  eshoje

ECONOMIA
Mais de 6 mil
oportunidades
no Estado)) 4



ARTIGO
Milson
Henriques
ainda vive)) 2



CULTURA
Curadoria
que aproxima
arte da vida)) 5



Entenda os riscos do tarifação de Trump na economia do ES

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou uma sobretaxa de 50% sobre produtos brasileiros, impactando riscos para a exportação no Espírito Santo)) 3

DIVULGAÇÃO



GIULIANO DE MIRANDA

Milson Henriques: o artista que encenou o ES

Em junho de 2016 o Espírito Santo perdia Milson Henriques — ator, dramaturgo, diretor, cronista, radialista, produtor, agitador cultural. Nove anos depois, sua ausência ainda ecoa nos palcos, nas páginas de jornal, nas memórias da televisão local e na cultura capixaba, que ele ajudou a construir com inteligência, irreverência e afeto. Milson foi mais que um artista: foi uma instituição em carne, osso e verbo. Um desses raros sujeitos cuja existência se confunde com a história do lugar em que viveu e atuou.

Sua arte, múltipla e inquietante, encarnava o Espírito Santo. Fazia do cotidiano matéria-prima para a cena e do humor uma forma aguda de crítica social. Onde estava Milson, havia provocação. Mas também havia ternura, generosidade, amor ao ofício e, acima de tudo, resistência. Relembrar sua trajetória hoje não é apenas saudade — é política da memória. É reafirmar que seu legado ainda pulsa.

Nascido no Rio de Janeiro, em 1938, Milson Henriques foi um autodidata compulsivo. Estudioso de teatro, cinema, televisão, rádio, literatura e artes visuais, ele não separava as linguagens: misturava tudo com liberdade, como quem cozinha com o que há na geladeira — e faz banquete. Escrevia e encenava suas próprias peças, atuava, dirigia, desenhava cenários, criava figurinos, compunha trilhas. Fazia do pouco,

muito. Do nada, algo.

O teatro talvez tenha sido seu território mais íntimo, mas ele também deixou marcas profundas no rádio, na televisão e na imprensa escrita. Seus programas radiofônicos, transmitidos por emissoras, como Rádio Espírito Santo e Rádio Vitória, marcaram gerações. Na televisão, foi pioneiro em conteúdos regionais que misturavam humor, crítica social e cotidiano, abrindo caminho para uma comunicação mais próxima da realidade capixaba.

Milson fazia rir. Mas nunca à toa. Seu humor era carregado de crítica social, de indignação e de inteligência. Ele ria do próprio capixaba — mas com carinho. Exagerava sotaques, duplicava tipos sociais, parodiava políticos, debochava da elite — mas nunca sem afeto. Suas peças tratavam de política, desigualdade, sexualidade, poder, violência e ignorância

com a leveza que só os grandes sabem manejar.

Num estado historicamente conservador, onde a arte ainda é vista por muitos como luxo ou “assunto de vagabundo”, Milson ria para não chorar. Mas também chorava — e fazia chorar. A complexidade de sua obra reside exatamente nisso: em tensionar o riso e a dor, o cômico e o trágico, a gargalhada e o espanto.

Engajado na política cultural capixaba, Milson foi um crítico ferrenho da falta de apoio às artes no estado. Defendia com veemência a criação de políticas culturais estruturantes, continuidade nos editais, descentralização dos recursos e valorização dos artistas

Fazia isso com argumentos, com dados, com conhecimento acumulado e, claro, com ironia. Em suas crônicas, criticava os gestores omissos, os projetos vazios e o desmonte cul-

tural com a mesma paixão com que exaltava os artistas da periferia, os mestres populares, os fazedores de teatro que, como ele, resistem com a unha e o dente.

Milson também foi um cronista. Seus textos publicados em jornais traziam o sabor da observação cotidiana: o bar da esquina, o calor insuportável de janeiro, a conversa no ônibus, a fila do banco, o político de fala mole, a vizinha fofoqueira. Ele fazia literatura do ordinário, arte do banal, filosofia do café com pão.

Mais que narrativas sobre Vitória, são retratos da vida em qualquer cidade do Brasil: com suas promessas não cumpridas, suas pequenas belezas, seus personagens pitorescos, seus absurdos

Nove anos após sua morte, é justo perguntar: como o Espírito Santo tem cuidado da memória de Milson Henriques? A

resposta, infelizmente, é incômoda. São poucas as homenagens institucionais. Sua vasta obra teatral ainda está pouco editada, pouco encenada, pouco estudada.

Milson merece mais. Merece um acervo público com sua obra reunida. Merece um teatro com seu nome. Merece um centro cultural, um festival, um prêmio.

Milson Henriques partiu em 2016, aos 78 anos, sem nunca deixar de produzir. Até seus últimos dias, mantinha ideias, projetos, desejos. Sua ausência, ao longo do tempo, é uma ferida. Mas também é semente.

Que sua memória não vire apenas data no calendário, mas vento que espalha semente. Que sua risada ainda ecoe nas coxias. Que sua teimosia ainda ensine. Milson vive. E continuará vivendo, porque riso que nasce da verdade não morre.

<https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>

Contato:

bianca@eshoje.com.br

27 2180-0678



ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS



A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Semanal

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danihcourtinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Andressa Mota
Carolina Boueri
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
João Otávio Carvalho
Mariana Cicilioti
Thauane Lima
Thierry Khalil

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:

[/eshoje](https://www.instagram.com/eshoje)
[@eshoje](https://twitter.com/eshoje)
[eshoje](https://www.facebook.com/eshoje)
[eshoje](https://www.youtube.com/eshoje)

Entenda o tarifação de Trump sobre o Brasil e o ES

Nos primeiros cinco meses de 2025, o Espírito Santo registrou recordes de exportação

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou em 9 de julho uma sobretaxa de 50% sobre produtos brasileiros, gerando reações nos setores afetados e no governo brasileiro. Como aconteceu com outros países, o anúncio ocorreu por meio de uma carta dirigida ao presidente da República - Luiz Inácio Lula da Silva (PT) - e publicada no perfil de Trump na rede social Truth Social. Além de discutir a tarifa, o republicano saiu em defesa do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e criticou decisões do STF (Supremo Tribunal Federal). Mas, o que o tarifação provoca no Espírito Santo e resto do Brasil a partir de agora? O governador capixaba responde: "Nós temos um impacto forte nas pedras ornamentais, no café, na siderurgia e em produtos como a pimenta-do-reino e o gengibre. Isso afeta diretamente o mercado capixaba, mas também pode encarecer o produto americano. A balança comercial, inclusive, é favorável aos Estados Unidos", frisou Casagrande.

Para se ter uma ideia da relação comercial entre o ES e os EUA, nos primeiros cinco meses de 2025, o estado registrou, por exemplo, um novo recorde nas exportações de ovos.

Houve um aumento concentrado e expressivo para os Estados Unidos, que tornaram-se, pela primeira vez, o maior parceiro comer-

cial absoluto do estado nesse segmento, com US\$ 3.508.537 e 1.573.875 kg — equivalentes a mais de 97% do valor e 97% do volume total exportado no período.

"A Findes considera inaceitável que decisões comerciais sejam tomadas com base em disputas políticas internas, desconsiderando os impactos concretos sobre economias inteiras. Reafirmamos a importância do diálogo diplomático e da construção de soluções que respeitem as regras do comércio global. É papel do governo brasileiro atuar de forma firme na defesa dos interesses nacionais, buscando reverter essa medida e preservar o ambiente de negócios internacional", afirmou o presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo, Paulo Baraona.

O Observatório Findes, centro de inteligência da Findes, mostra que em 2024 os EUA representaram 28,6% de todas as exportações capixabas, consolidando-se como o principal parceiro comercial do Estado. Somente no ano passado, exportamos US\$ 3,06 bilhões e importamos US\$ 2,05 bilhões — saldo positivo para o Espírito Santo que passa a ser ameaçado por uma política comercial arbitrária.

O Sistema Fecomércio-ES - Sesc e Senac aponta que a decisão de Donald Trump representa um retrocesso. "Os Estados Unidos são o segundo principal destino das exportações brasileiras, com forte presença de produtos de maior valor agregado, como aeronaves, autopeças, máquinas e derivados de petróleo. Qualquer barreira adicional imposta a essas mercadorias desestimula os embarques e compromete a estabilidade das cadeias produtivas, com reflexos sobre o comércio exterior, a indústria nacional e o mercado de trabalho, especialmente em estados com produção voltada à exportação, como o Espírito Santo", declarou.

O Sistema Fecomércio-ES — juntamente com a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), reforça que a decisão da taxa é injustificada do ponto de vista econômico, considerando que, nos últimos dez anos, a balança comercial entre os dois países registrou superávit de US\$ 51 bilhões em favor dos Estados Unidos. "O fortalecimento das relações de comércio exterior produz efeitos positivos para ambas as nações, sendo que medidas que desestimulem a integração econômica global tendem a encarecer cadeias produtivas, afetando o crescimento e o bem-estar social dos países envolvidos", declarou.



REPRODUÇÃO DA INTERNET

A tarifa sobre produtos do Brasil em 50% foi anunciado pelo presidente dos Estados Unidos dia 9

ENTENDA

O QUE TRUMP ANUNCIOU?

- **TARIFA** de 50% sobre todos os produtos brasileiros exportados para os Estados Unidos com implementação prevista para 1º de agosto.
- **NOVA** tarifa é separada das tarifas setoriais já existentes, como as de 50% aplicadas ao aço e alumínio. Mercadorias redirecionadas para evitar essa nova taxa também serão sujeitas a ela.
- **A** sobretaxa é a maior entre as 21 tarifas extras anunciadas por Trump, como os 25% aplicados sobre o Japão e a Coreia do Sul.

POR QUE A IMPOSIÇÃO?

- **ALEGANDO** que a relação comercial entre os dois países é "muito injusta" e "não recíproca"
- **ÀS** decisões do Supremo Tribunal Federal de remover conteúdos de redes sociais americanas
- **AO** fato do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) ser réu em ação que apura sua participação na trama golpista de 2022.

QUAL O EFEITO DAS TARIFAS?

- **PODEM** encarecer para consumidores e empresas americanas produtos variados como petróleo, ferro, café, carnes e suco de laranja.
- **NA** indústria têxtil o risco é o de inviabilizar o comércio com o país. EUA representam apenas 7% das exportações brasileiras
- **DESVALORIZAÇÃO** do real

O QUE ACONTECE AGORA?

- **OS** principais produtos importados pelo Brasil dos EUA são motores e máquinas, óleo combustível, aeronaves e gás natural, além de medicamentos. Aplicar uma sobretaxa sobre essa pauta traria consequências econômicas indesejadas, com risco de contratar inflação.



DIVULGAÇÃO

“É papel do governo brasileiro atuar de forma firme na defesa dos interesses nacionais”

Paulo Baraona, Findes

Emprego: vagas para quem tem, ou não, experiência

Os municípios de Vitória, Vila Velha, Serra e Cariacica somam 5.636 vagas de trabalho

ESTHEFANY MESQUITA
jornalismo@eshoje.com.br

A semana começou com boas notícias para quem está em busca de emprego no Espírito Santo. Ao todo, são 12 cidades entre Grande Vitória, região Norte e Sul totalizando 6.920 oportunidades para diferentes áreas, como comércio, construção civil, serviços, logística, saúde, indústria, entre outros.

Há chances tanto para quem busca o primeiro emprego quanto para profissionais mais experientes, além de ofertas para quem tem ensino fundamental, médio, técnico ou superior.

Os municípios de Vitória, Vila Velha, Serra e Cariacica somam 5.636 vagas de trabalho, com oportunidades para pessoas com ou sem experiência, em todos os níveis de escolaridade, além de vagas exclusivas para Pessoas com Deficiência (PCD).



REPRODUÇÃO

Na Grande Vitória são quase 6mil oportunidades oferecidos, com vagas para pessoas com deficiência e para quem busca o primeiro emprego

CONFIRA A DISTRIBUIÇÃO DAS VAGAS POR MUNICÍPIO:

Vitória: 2.962 vagas
Serra: 1.787 vagas
Cariacica: 635 vagas
Vila Velha: 252 vagas

- Os interessados devem se cadastrar nos Sines de cada município. É importante levar documentos pessoais como RG, CPF, carteira de trabalho e comprovante de residência.
- **ENTRE** as vagas estão:
- **AGENTE** vistoria de alarme
- **ARMAZENISTA**
- **SOLDADOR**
- **SERRADO**
- **RECEPCIONISTA**
- **PROMOTOR** de vendas

- **REPOSITOR** de mercadorias
- **OPERADOR** de caixa
- **MOTORISTA** entregador
- **MOTORISTA** de caminhão
- **ELETRICISTA** de manutenção
- **BALCONISTA**
- **MÉDICO**
- **ANALISTA** de suporte de sistema
- **SUPERVISOR** comercial, entre outros, e do cantor Xanddy, do Harmonia do Samba, Grupo San Sebastian e Ju Moraes.

Norte e Sul

- **OUTRAS** oportunidades também estão disponíveis no Norte e Sul do estado com mais de

1.200 vagas de emprego. No Sul do Estado, Anchieta e Cachoeiro de Itapemirim somam 172 vagas. Já na região Norte, o número de vagas é ainda maior: 1.116 oportunidades nas seguintes cidades:

- **ARACRUZ:** 410 vagas
- **BARRA** de São Francisco: 92 vagas
- **COLATINA:** 41 vagas
- **LINHARES:** 328 vagas
- **NOVA** Venécia: 245 vagas
- Os candidatos interessados podem entrar em contato por meio de ligação ou enviando o currículo diretamente aos seguintes e-mails.

Sul

- **ANCHIETA:** Telefone: (28) 99252-3584, anchieta@sine.es.gov.br ou curriculo.anchieta@sine.es.gov.br
- **CACHOEIRO** de Itapemirim: Telefone: (28) 99252-4935, cachoeiro@sine.es.gov.br ou curriculo.cachoeiro@sine.es.gov.br

Norte

- **ARACRUZ:** Telefone: (27) 99204-2568, aracruz@sine.es.gov.br ou curriculo.aracruz@sine.es.gov.br
- **BARRA** de São Francisco: Telefo-

- ne: (27) 99204-4714, bsf@sine.es.gov.br ou curriculo.bsf@sine.es.gov.br
- **COLATINA:** Telefone: (27) 99204-3224, colatina@sine.es.gov.br ou curriculo.colatina@sine.es.gov.br
- **LINHARES:** Telefone: (27) 99204-3609, linhares@sine.es.gov.br ou curriculo.linhares@sine.es.gov.br
- **NOVA** Venécia: Telefone: (27) 99204-4427, novavenecia@sine.es.gov.br ou curriculo.novavenecia@sine.es.gov.br
- **São Mateus:** Telefone: (27) 99204-3537, saomateus@sine.es.gov.br ou curriculo.saomateus@sine.es.gov.br

Seja no impresso ou no digital

Aqui você publica, no melhor preço de mercado, a sua publicação legal.



h)ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALIS

Curadoria como um gesto de colaboração

Clara Sampaio explora formas alternativas de fazer curadoria, aproximando arte e vida

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

Clara Sampaio é uma artista e curadora que tem se destacado por articular práticas artísticas e curatoriais a partir de uma sensível escuta das pessoas e dos espaços. Com formação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e posterior aprofundamento teórico e prático em Artes Visuais, Clara construiu uma trajetória marcada pela transversalidade entre campos, entre a experiência do corpo no espaço, os vários modos de mediação cultural e os processos colaborativos na arte contemporânea.

Ao longo de sua carreira, vem explorando formas alternativas de fazer curadoria, aproximando arte e vida cotidiana, e propondo outros modos de habitar e pensar o mundo a partir do encontro.

Sua atuação como curadora transita entre instituições tradicionais, como o Museu de Arte do Espírito Santo (MAES), e espaços experimentais, como residências artísticas, espaços independentes, e projetos autônomos que questionam as fronteiras entre público e privado, visível e invisível. Um exemplo notável desse movimento é a exposição Tirante (2021), desenvolvida em ambiente virtual durante a pandemia, em co-curadoria com o artista Felipe Moraes.

Outro marco em sua trajetória é o projeto Estudos de Recepção (2014), em que a curadoria assume o ambiente doméstico como campo de experimentação estética e afetiva. Ao transformar residências em locais de exposição e reflexão de arte, Clara propôs, junto ao curador Gabriel Menotti, uma ruptura com os modelos institucionais tradicionais, criando experiências mais íntimas e horizontais de fruição artística.

Clara também é cofundadora da ATMO, plataforma que reúne artistas e pesquisadores em ações transdisciplinares que envolvem arte, cultura e educação. Nesta entrevista, realizada no contexto de sua passagem recente por projetos no Espírito Santo, Clara Sampaio compartilha reflexões sobre o papel do curador no século XXI, as potências da escuta como ferramenta de criação, e a urgência de repensarmos os modos como a ar-



DIVULGAÇÃO

Clara também é cofundadora da ATMO, plataforma que reúne artistas e pesquisadores

te se inscreve no cotidiano. Seus pensamentos nos convidam a pensar a curadoria não como mera organização de obras em um espaço, mas como gesto e vínculo, capazes de somar olhares e formas de ver o mundo.

ES Hoje: Como funcionou a transição de artista visual para curadora independente, e como você concilia esses papéis?

Clara Sampaio: Não penso exatamente como uma transição, minha prática artística é inteiramente envolvida com a curatorial. Entendo como dimensões complementares de uma orientação em relação às questões que me movem: às vezes criando objetos e situações; em outros momentos, no convite a outras pessoas, no cuidado com seus processos, na criação de condições de escuta e experimentação coletiva. Ambas envolvem pesquisa, criação, diálogo. Gosto de pensar que o que une essas práticas é a disposição para o encontro e a invenção compartilhada, num tempo em que o mundo parece cada vez

mais hostil à atenção e ao cuidado mútuo.

Seu doutorado em Arte Contemporânea foi busca de novos caminhos?

Em 2017 escolhi seguir o doutoramento no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra num gesto impulsivo, mas também político. Atravessávamos um momento difícil no Brasil e senti que precisava deslocar corpo e pensamento. Não havia bolsa, nem garantias, apenas o desejo de mudança e de experimentar outros modos de aprender e viver. Essa travessia se tornou o próprio motor da pesquisa: pensar o que pode significar uma prática artística “independente”, não só no sentido institucional, mas também existencial. Questionei o formato da escrita acadêmica, trouxe projetos colaborativos para a tese, abri espaço para que o texto incorporasse hesitações e desvios.

Espaços independentes e processos colaborativos: o que te motiva explorar esses temas?

A ideia de colaboração me acompanha desde a graduação, nas vivências do Centro Acadêmico e encontros de arquitetura. Mas foi uma residência artística que sedimentou o desejo de criar experiências de escuta e criação coletiva: quando voltei para Vitória, em 2013, havia uma questão pulsando, ‘como fazer arte em um contexto com poucos espaços culturais e políticas públicas?’ O projeto Estudos de Recepção, com Gabriel Menotti, nasceu dessa inquietação, ocupamos casas em Vitória e Vila Velha para realizar exposições. Foi uma forma de provocar que a arte não precisa (e talvez não deva) estar restrita a museus e galerias, e que a força de mobilização pode gerar situações potentes e significativas.

Prática curatorial como processo colaborativo, pode exemplificar?

Esses projetos são exemplos de uma trajetória entrelaçada à criação em muitas mãos, desejos que se somam e tomam corpo em projetos. A experiência de criação do ‘Cápsula – curso

extensivo de arte contemporânea’, com Gabriel Menotti, em 2017, foi um desses momentos. Com o desejo de criar uma outra escola de arte, quisemos abrir um espaço para o aprendizado coletivo, para imersões no território, experimentações estéticas mediadas por artistas de várias partes do Brasil.

Quais desafios você enxerga atualmente para curadoras independentes no Brasil, considerando sua vivência entre Vitória e Lisboa?

O maior desafio é, ainda, a precariedade. O trabalho cultural segue sendo subvalorizado, e o fato de não estarmos vinculadas a instituições torna tudo mais frágil, emocional e financeiramente. Os malabarismos entre editais, convites e múltiplos trabalhos exigem resistência cotidiana. Mas há uma força vibrante nesse trabalho e no privilégio de poder caminhar junto com pessoas que admiramos, inventando situações e lugares.

No contexto de seu doutorado e curadoria, como você entende o papel das instituições formais versus os espaços independentes?

Acredito que haja uma relação de dupla implicação. Hoje, as instituições precisam criar porosidade com suas comunidades e contextos de produção se querem se manter atualizadas. A colaboração com espaços independentes, associações de bairro, coletivos, permite que suas programações se tornem relevantes. Já para os espaços independentes, é uma forma de visibilizar suas atividades, pautar discussões e acessar recursos que garantam sua existência e autonomia de pensamento.

O que está em curso e o que virá?

Sigo trabalhando entre Vitória e Lisboa, o que, para mim, é tanto um privilégio quanto um desafio. Recentemente realizei a curadoria da exposição ‘A Paixão Mora do Mistério’, de Lilianna Sanches, no MAES, e uma individual de Natália Loyola, no Centro Cultural das Mercês, em Lisboa. Este ano coordeno o Programa de Residências do Mosteiro Zen Morro da Vargem (ciclo 2025–2026), com lançamento em agosto, e estou desenhando projetos curatoriais para 2026.